

A luminosidade alva do sol

ADRIANA
ONO

após a passagem de um tufão

1ª EDIÇÃO | SÃO PAULO | 2023

 **Fábrica**
de cânones

Copyright © Fábrica de cânones, 2023.

A luminosidade alva do sol após a passagem de um tufão © Adriana Ono, 2023.



Editor

Eduardo Guimarães

Revisor

Guilherme Sakai

Capa e projeto gráfico

Cintia Belloc

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

O58

Ono, Adriana

A luminosidade alva do sol após a passagem de um tufão/
Adriana Ono – São Paulo: Fábrica de cânones, 2023.

ISBN 978-65-85148-08-5

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD 869.91

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

A André,
que recria jardins
— sempre oferenda
e me ensina a perspectiva
móvel da natureza
— da nossa natureza





DESLOCA

Num canto do quintal, o paralelepípedo marrom-acinzentado — menina pequena, colorida, de boné, sentada sobre ele. A seu lado, uma cadela gordinha e branca malhada de marrom — a Bolinha.

Ao fundo, a oficina-marcenaria improvisada de meu avô, com vocação para ferro-velho. (Incontáveis os objetos usados que ele colecionou ao longo da vida e sobreviveram à sua morte.)

Abaixo, seguindo o declive, uma pequena porta verde. Três degraus. No porão, as uvas fermentavam meses até se tornarem vinho, a máquina de costura silenciosa de minha avó, que deixou de ser usada após seu adoecimento. Ar denso, tudo achatado, o lugar das sombras.

Para o quintal acinzentado, abriam-se as janelas verdes dos quartos. Contrastavam o sol que lá iluminava às tardes, quando escorregava para o interior da casa e destacava o amarelo discreto das paredes.

Mas o longo corredor, que ligava todos os cômodos, aos poucos era abandonado pela luminosidade suave e, com o anoitecer, recobria-se de um imaginário sombrio e amedrontador. Os passos no piso de madeira, que reverberava as angústias e os medos escondidos nas frestas entre as tábuas, eram ligeiros. Durante a noite, a travessia na escuridão era infinita. Na cozinha, claridade, riso, inúmeras comidas e plantas. Muitas vezes conversas banais transmutavam-se. As vozes, três tons acima ou mais, disputavam as certezas com unhas e dentes, os corpos adensavam o amor embrutecido, e aquele interior já não podia mais abrigar amenidades de um almoço de domingo.

Por sorte, havia saída — a porta da cozinha também era verde e espreitava o quintal.

Em algum momento já crescida, não atravessei mais o corredor sombrio.

A casa de meus avós foi se desintegrando no mapa de minha vida.

O paralelepípedo talvez ainda esteja lá no mesmo canto. Mas a morte de meu avô revelou outra composição desse espaço.

No fim da tarde, ele se sentava numa escadaria próxima ao portão de entrada da casa. Ouvia seu rádio de pilha, o olhar distante, e recolhia-se na suavidade das cores antes do anoitecer.

MENTOS

Manu às vezes me lembra (e ensina) a expressividade da fala. Para ela, quando pequenina, criei e contei estórias. Enquanto tomava anestesia de olhos fechados na cadeira do dentista, durante as vacinações, nos dias e nas noites febris que passava na cama.

Também lhe contava estórias na longa caminhada para a escola. De mãos dadas, cruzávamos a passarela acima da linha do trem. (Às vezes, um comboio vermelho atravessava por debaixo de nós.) Passávamos em frente a um pequeno castelo. Subíamos uma rua curta e íngreme. A partir daí, a pequenina ia no colo.

Muitos passos, algumas narrativas. E Manu adentrava a escola que parecia cenário de conto de fadas. Era um anexo do castelo que margeava uma densa floresta.

Quando tivemos de nos despedir da paisagem lisboeta, do percurso de mãos dadas, das cores, dos traços e dos amigos da escola e da floresta encantadas, minha voz enfraquecida não encontrou as palavras. Não pude contar a Manu uma estória.

Num fim de tarde invernal e ensolarado, numa praia na Arrábida, rabisquei com um galho na areia dois olhos e um sorriso. Disse a minha filha que a vida no país onde iríamos viver, do outro lado do oceano, seria como o desenho — feliz!

Manu não queria sair da praia — não queria que a onda apagasse o sorriso.

Ao voltarmos para casa, a lua que minguava nos surpreendeu com o mesmo traço curvo e delgado na areia.

Apontei no céu o sorriso e disse a Manu que ele estaria em todos os lugares.

Um mês depois caminhávamos pelas ruas quenianas.



memória descascada



Des-habito

Não sou árvore, pássaro, céu, sol, chuva.
Um dia escrevo, outro não.
Um dia mãe, outro manhã.
Palavras vêm e vão. Escrevo no escuro.
Pessoas partem — parto eu.
Mapa de despedidas tingido pelo vento.
A luz sopra no ouvido — adeus.

Ainda não em casa.
Caixas, coisas amontoadas, desordem tal.
Espalhados, contidos labirintos
que seguem as mortes que não param.
Pessoa em silêncio —
“queria tanto que você falasse mais, mãe”.
O cão a meu lado — do olhar, apenas amor.
Juntos vivemos no labirinto —
caminhos cruzados, interrompidos, assombrados.
Logo ali a liberdade. Quase acenou, mas era tímida.
Trocamos olhares.
(Tim, meu cão, ergueu a cabeça e a procurou.)
Ela seguiu o céu azul outonal.
Caminhava lentamente entre árvores,
pássaros, buracos, formigas, flores silvestres.
Cantarolava — era desafinada.
Quase cantei junto. Mas sou tímida.
Procuro algo que não sei onde está.
Nas caixas há papéis, livros, objetos,
cacos de vida.

As plantas não puderam vir — nunca vêm.
Permanecem onde vivemos com nossos restos
em decomposição em solo estrangeiro.

Havia a acácia, o arbusto de flores lilazes que se abriam com a luminosidade e duravam um dia, as árvores do fundo do quintal que acolheram a mim e Pateta nas tardes em que nos despedíamos antes de sua morte. E as estranhas e belas flores laranja-avermelhadas que talvez se divertissem com a perseguição loucamente feliz da Brownie às andorinhas.

A vida se apequena apartada da paisagem queniana — da aurora tingida de neblina e suavidade, da acácia que crescia com tantos espinhos diante da janela, do canto estridente das íbis, das cinzas de meu cão espalhadas no verde do jardim que foi nossa casa.

O dia se embrutece distante da serenidade de quenianos caminhando em ruas enlameadas e alagadas, carregando despreziosamente um lenço para limpar os sapatos ou os pés que se moldam em terra úmida.

O zazen perde-se do vazio das savanas.

Não sou queniana — não poderia ser não gostaria de ser.
O fragmento e a vastidão dessa paisagem me habitam.
Quase habito o sorriso pleno das crianças quenianas.

Na festa de encerramento da escola, minha filha e seus amigos encenaram uma peça.

Ao final da apresentação, ela e as crianças felizes — sorriram.

(A liberdade ali estava e me acenou.)
Sorri timidamente — não fui criança queniana.
Agradei e me despedi.

para André, Manu e Pateta

Pele que escapa da memória

Não há cores nas palavras — resta aridez.

Tateio a areia e cavo a pele fragmento a fragmento. Camadas de epiderme morta entre as unhas e os dedos. Imóveis seguem o toque que junta palavras, azul e areia — e deslizam.

(Um continuum?)

Fragmentos reordenados, recriados — expressão do instante em que morro ferida pelas mãos e renasço na narrativa do gesto em espiral.

(O epílogo ou o início?)

A casa já está habitada pelas plantas. Os bichos quase adormecidos espreitam os cantos vazios da sala para saber se estou — onde estão, onde estamos.

Na mesa, lápis de cor e papéis espalhados — a pintura inacabada de uma personagem de mangá com o olhar perdido.

O desenho destas palavras é traçado num deserto — vagueia em silêncio.

O olhar nada vê — vago.

Apenas reflete a luz ofuscante que grita a areia.



No decorrer do tempo da mudança da paisagem das estações do silêncio continuado do gesto invisível dos dias encapsulados das tarefas que me consomem da resposta imaginada nunca escrita do amor não expresso da angústia que me sufoca e estilhaça a pele — um amigo e uma amiga desaparecem.

Arremedo, remendo, alinhavo que me escapa dos dedos, dos dias, da lembrança que se dilui. Perdida eu nos fragmentos, entre as linhas — entrelinhas de terras distantes.

Deslizam pela memória um lindo sorriso, entre olhos azuis e cabelo cinzento, que despertava o silêncio, e um corpo em ritmo solto, na dança fluida, num galpão diante da casa da árvore num lindo jardim.

Coleciono perdas — pessoas, plantas, bichos, ruas, cores, casas. Um a um habitam pedaços em meu corpo, compõem histórias interrompidas — traços fugidios, lágrimas secas.

Quase matéria-prima as paisagens que forjaram encontros e perdas.

Quase um corpo que envolve meu corpo — força de expressão de algo que se extingue e se recria.

Então eu finjo uma vida — muitas e nenhuma — que queria renascer a cada mudança, e se contorce na respiração noturna até o silêncio do alvorecer alongar braços e pernas com a suavidade das cores da manhã que ainda virá.

Recomeça o dia. Recrio as perdas — antigas e futuras.

E observo um cortejo de formigas carregando folhas no ar fresco da manhã.



Você ronrona. Eu respiro. Teu corpo colado ao meu — corpo silenciado na secura da madrugada.

Vozes — sempre — vozes ao longe — rostos esfumaçados na paisagem da memória.

Você, pequeno Lino, aqui se aninha, toda madrugada.

Há mais de dez anos pequenina bebê recolhida em meus braços sorria com os olhos — o olhar de bicho — tudo diz em silêncio.

Quando a luz suave da manhã trespassa enviesada folhas e galhos ainda sobreviventes à secura, a quietude cria texturas invisíveis, narrativas entrelaçadas em silêncio — árvores que me protegem do ruído ensurdecedor de gestos e discursos insanos.

Lino ronrona, respira pausadamente — olhar de azul infinito ou negro profundo.

A manhã adentra nas cores do céu que clareia.
Ao longe, quase estão invisíveis as silhuetas da madrugada, quase — na paisagem tatuada na memória, na despedida que não quer o adeus, nas cores desbotadas de uma aquarela na parede, no dia recriado em meio à grama ressequida, ao castanho do solo e à ausência de lágrimas.

(Lino ainda dorme.)

Paguro no Cerrado

Hoje sou planta colada ao chão em terra árida de grama ressequida quase esmigalhada na seca dos dias de maio de uma cidade no Cerrado no meio de um país curvado pelo sofrimento da fome e da morte e da crueldade e do verde desfolhado, desmatado, destrinchado.

Hoje meus olhos secos queriam as lágrimas, meu corpo frouxo queria a forma, meu coração queria as palavras que chegassem até você. Hoje fragmentos apartados do quebra-cabeça de meu corpo latejam diante da seca e da lembrança do senhor que pedia socorro porque passa fome com seus quatro filhos.

Hoje, encapsulada, ensimesmada, sucumbida pela dor, cravo as unhas na cabeça e daí retiro fragmentos de pele com a avidez de quem gostaria de arrancar todos os sofrimentos, um a um, meu, teu, daquele senhor e de seus quatro filhos.

Hoje o amanhecer foi lindo, as cores outonais no céu contrapondo-se ao verde-escuro das árvores que perdem as folhas, a copa, o verde, e seguem firmes, confiantes, espessas sob o sol fulminante dos tempos secos.

Hoje menos eu, cada vez menos, menos esperança, menos forma, menos, menos, menos. Hoje, eu menos eu menos você menos o senhor menos as árvores menos céu menos eu.

Hoje o dia quase acaba e me enterro porque não encontrei, não encontro minha casa. Hoje sou o paguro sem carapaça, apenas corpo frágil — o caranguejo que morreu.

Eu menos eu.

Paguro sem concha.

Hoje.